ARQUIVO E MEMÓRIA DA *CECLE*[1]: O DOCUMENTO SOB O OLHAR DA LINGUAGEM

ARCHIVE AND MEMORY FROM CECLE: DOCUMENTATION UNDER THE GAZE OF LANGUAGE

Danilo CORRÊA PINTO[*]
Simone Tiemi HASHIGUTI[**]

Resumo: Este trabalho discute, a partir da Análise de Discurso de linha francesa, o processo minucioso de separação, análise, reflexão e arquivamento de materiais didáticos de línguas estrangeiras tal qual realizado no projeto de extensão intitulado *Arquivo e Memória: acervos da Cecle*, desenvolvido no segundo semestre de 2009, na Universidade Federal de Uberlândia. O projeto teve como objetivos compreender os processos de arquivamento e institucionalização de materiais, bem como catalogar os itens dos acervos, além de analisar o trabalho de interpretação do arquivista, pensando-o como aquele que determina os materiais que compõem o arquivo a partir de filiações ideológicas.

Palavras-chave: Arquivo; Língua Estrangeira; Análise de Discurso.

Abstract: This paper discusses, via French Discursive Analysis, the detailed process of separation, analysis, reflection and classification of pedagogical materials for foreign language teaching practices developed in the Extension Project entitled *Arquivo e Memória: acervos da Cecle* ("Archive and Memory: archives from the Cecle"). The project took place in the second semester of 2009 at Federal University of Uberlândia, located in the State of Minas Gerais in Brazil. The project aimed at understanding the processes of constitution of archives and institutionalization of materials, as well as cataloguing the archive items, and analyzing the work of interpretation of the archivist, taking him as the one who determines the materials based on ideological injunctions.

Keywords: Archive; Foreign Language; Discourse Analysis.

[1] CECLE: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.

[*] Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: dam_correa@yahoo.com.br.

[**] Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (2008); docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. Contato: dam_correa@yahoo.com.

Introdução

A Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras – CECLE – foi criada com o objetivo de apoiar os cursos e atividades de extensão propostas e desenvolvidas pelo Instituto de Letras e Linguística, oferecendo suporte técnico e orientando na elaboração de projetos de extensão e atividades afins. Como muitos desses projetos têm sido sobre ensino/aprendizagem de línguas, a CECLE, ao longo dos anos, foi captando materiais relacionados à área, necessários para o andamento das atividades de extensão e pesquisa, tais como livros didáticos, coleções de dicionários, material de áudio e vídeo e equipamentos (computadores, CD players, fones de ouvido, retroprojetor etc.), perfazendo um total hoje em torno de 2000 (dois mil) livros didáticos de literatura contemporâneos, 500 (quinhentos) materiais diversos de áudio e vídeo, e mais um acervo histórico com cerca de 600 (seiscentos) itens relacionados a áudio e slides e cerca de 200 (duzentos) livros didáticos e outros jogos e atividades didáticas.

Este artigo relata as conclusões do trabalho de catalogação desses materiais realizado por bolsistas vinculados ao projeto *Arquivo e memória: acervos da Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras*[2], ao mesmo tempo em que apresenta uma discussão teórica e prática sobre os processos de arquivamento e institucionalização de materiais. Consideramos que o trabalho de catalogação, arquivamento e constituição de acervos é um trabalho de pesquisa e estudo determinado por aspectos histórico-ideológicos e realizado em meio a condições de produção. Sobretudo, consideramos essa tarefa como uma prática de linguagem em suas diferentes formas. É importante salientar que, para os bolsistas participantes, o projeto possibilitou aprender, refletir e teorizar sobre os processos de arquivamento e memória, ao mesmo tempo em que desenvolveram suas habilidades de pesquisa e organização de dados. As questões mais específicas sobre arquivamento e constituição de acervos são discutidas abaixo.

[2] Projeto ILEEL/UFU n°. 060/2009, aprovado no Edital PROGRAD/PIBEG/UFU Nº 1/2009. Período de execução de 07/2009 a 12/2009, registro SIEX/UFU 7663.

1 Acervos e espaços de memória

Documentação, arquivo e memória são termos comuns em áreas como a História, a Ciência da Informação, a Arquivística, havendo, entretanto, diferentes conceptualizações em cada uma delas. Na área dos estudos sobre a linguagem, também a teoria discursiva (PÊCHEUX, 1969) contempla e teoriza tais termos para construir seu aparato teórico-metodológico ao abordar a linguagem em sua relação com a história e a ideologia. No Projeto ora discutido, os sentidos atribuídos por esses diferentes domínios do saber se imbricam, fundamentando a ideia de constituição, organização e administração de acervos de pesquisa e práticas de ensino da CECLE.

Segundo Le Goff (1996), duas formas principais de materiais de memória são o monumento e o documento. O primeiro, em sua origem filológica, se relacionava a obras (literárias, de arquitetura ou escultura, por exemplo) que visavam perpetuar o passado, principalmente relacionado a grandes feitos, e possibilitava sua evocação. Já o documento, originalmente derivado do verbo latino *docere* ("ensinar"), deslizou para o sentido de prova – sentido que, a partir da escola positivista do final do século XIX, ganhou cada vez mais força. Afetadas pelos pressupostos científico-metodológicos positivistas, as diferentes disciplinas tenderam, então, a tomar o documento como o material essencial na comprovação de fatos e teses. Le Goff (1996) explica como, a partir disso, o monumento foi, ao longo dos anos e lentamente, cedendo a sua importância para o documento, ao mesmo tempo em que este foi tendo a sua noção ampliada para dar conta de materiais que diferiam de textos escritos. Com a abertura conceitual, começa a se constituir uma prática de documentação de massa, que daria visibilidade não só às figuras heroicas ou de destaque intelectual, mas também ao cidadão comum, de costumes e hábitos que deveriam ser igualmente observados e arquivados. A construção de uma memória coletiva sofreria, então, uma alteração radical com o crescimento exponencial de volumes de informações e fatos.

Nesse cenário, o desenvolvimento tecnológico, com a invenção do computador, expandiu imensamente as possibilidades e capacidades de armazenamento, combinação e pesquisa de dados e documentos. O uso de computadores causou uma ruptura nos processos relativos à

constituição de memórias históricas e coletivas, pois permitiu o surgimento de novos monumentos, agora, digitais. Para organizar a forma de lidar com o grande número de dados, além do funcionamento próprio dessas tecnologias, outras ciências vêm colaborar. Na área da Arquivística, por exemplo, alguns princípios que regem a organização dos documentos em arquivos, são os de proveniência, organicidade, unicidade, indivisibilidade e cumulatividade (BELLOTTO, 2002 apud FERRAREZI e ROMÃO, 2007). São princípios que se sustentam e se baseiam num sentido de documento como elemento neutro de historicidade, pois tais aspectos são reconhecidos como qualidades dos materiais a serem catalogados.

Na perspectiva da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1982), duas questões que se colocam sobre os processos de arquivamento são a própria prática de leitura dos materiais e o gerenciamento institucional da memória coletiva. Questiona-se, no trabalho de constituição de arquivos, o gesto de leitura do arquivista, sua injunção por/em políticas institucionais que determinam como e o que deve ser catalogado para constituir memória. A eleição/seleção dos materiais não é considerada, portanto, nesta perspectiva, como um ato neutro e objetivo, bem como os objetos a serem catalogados são considerados materialidades cujos sentidos se movimentam na história em seu imbricamento com a linguagem.

O projeto de catalogação e organização de materiais em acervos, tal qual desenvolvido, foi norteado tanto pelo lado prático, pela necessidade de gerir os materiais captados, trazendo assim o sentido arquivístico de organização do que foi acumulado e o sentido histórico de documentação, acima discutido, como também pela consideração discursiva da necessidade/determinação da especialização na forma de leitura, seleção e organização dos materiais. Como eles se referem aos métodos de ensino de línguas e às teorias de aquisição de linguagem, a familiarização e identificação dos bolsistas com tais temas determinou a forma como esse trabalho aconteceu e os efeitos que ele trouxe para a constituição dos acervos. Ou seja, ao mesmo tempo em que a organização dos materiais dependeu de um olhar mais especializado, que permitiu selecionar e classificar, esse olhar foi construído (não sendo, portanto, imparcial) a partir de estudos em determinadas disciplinas em momentos históricos que condicionaram as maneiras de ler. A construção desse olhar pelo

viés da linguagem, e não somente pelo de disciplinas como a História ou a Arquivologia, por exemplo, é o que diferenciou e particularizou a proposta. Os sujeitos-bolsistas, catalogadores, foram pesquisadores da linguagem, sujeitos de práticas que demandaram reflexões teóricas e tomadas de posição.

2 Práticas do arquivista

Para realização do processo de catalogação, os trabalhos foram divididos entre (1) discussões teóricas sobre o tema arquivo e memória a partir da leitura de textos variados (de literatura, sobre teoria de arquivo e sobre análise de discurso) e de filmes e (2) a prática de catalogação em si. As discussões ajudaram a refinar o olhar para o documento e para a prática de arquivar, e deram visibilidade ao fato de que o arquivista é um sujeito de linguagem, uma posição histórica[3] que organiza e cataloga os materiais a partir de gestos de interpretação que lhes lança. Durante a prática de catalogação, no encontro com os diferentes tipos de materiais dos acervos, ficou ainda mais visível a impossibilidade de pensar arquivos como conjuntos neutros de documentos, pois a organização dos materiais é já determinada por condições técnicas e discursivas, como é possível perceber no relato abaixo.

Na prática de separação e organização de arquivos, observamos que a CECLE possuía um grande acervo eletrônico referente ao ensino de línguas. Desta maneira, era preciso começar por analisar, limpar e organizar os acervos de fácil compreensão. Usamos este termo, justamente para explicar que a tarefa de arquivar não pode ser encarada como uma tarefa singular, mas complexa em sua especificidade já que tratamos de acervos sobre línguas que são marcados por uma memória.

[3] A Análise de Discurso toma o sujeito como posição discursiva, historicamente constituída em meio às relações institucionais de produção dos sentidos em determinada formação discursiva. Segundo Orlandi (2005, p. 42-43) a noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.

Primeiramente, separamos todas as fitas VHS, pois havia filmes, conferências gravadas, cursos de línguas, entrevistas com professores da área de ensino de línguas estrangeiras e até confraternizações e aulas de conversação dos alunos e professores do Instituto de Letras e Linguística. Ao nos depararmos com tal processo, definimos que algumas fitas não correspondiam ao ensino de línguas ou mesmo aos objetivos do projeto. Após a separação dos materiais em VHS, priorizamos o assunto que cada material trazia e a língua em que tal material fora produzido, como é possível verificar no exemplo de organização abaixo:

TÍTULO	ASSUNTO	LÍNGUA
O nome da rosa	Filme	Inglês
Paris	Filme sobre a França	Francês - Português
Congresso de L.A.	Mesa redonda	Português

Tabela 1 – Ponto de partida: exemplo de organização dos materiais da CECLE.

Com o quadro podemos pensar que a atividade desenvolvida fez com que todas as fitas VHS fossem cadastradas ordenadamente e dentro de um sistema cabível a todos os assuntos, no entanto, durante tal atividade notamos que algumas fitas eram incompatíveis com assuntos relacionados à língua ou ensino de língua e foram classificados, *a priori*, como outros assuntos ou acervo descartado. Nesse momento, percebemos que o que poderia ser considerado pelo arquivista como um documento sem importância; um item descartável; era, consequentemente, classificado pela ideologia e a memória que interpelam o próprio arquivista, o que leva tal sujeito entrar em confronto com as próprias materialidades da catalogação. Ou seja, em alguns momentos do projeto, como no caso de verificar a existência de fitas VHS com gravações de confraternizações e entrevistas, alguns desses materiais foram selecionados como *material descartável,* no entanto, após discussões em grupo, e ao fazer outra leitura, atribuindo outros sentidos a esses materiais, eles passaram a ter tanta importância quanto os materiais que já haviam sido selecionados, pois foram

direcionados para um novo grupo de itens, nomeado Memória ILEEL, que não tem relação com os outros tipos de materiais enfocados pelos acervos da CECLE, mas que deve ser contemplado pela importância institucional. Assim, percebemos que o que fora antes descartável, passou, em outro momento, a ser de extrema relevância. Isso aponta para a própria perspectiva de linguagem com a qual se trabalhou no projeto, isto é, aquela que pensa o sentido das diferentes materialidades como atribuídos pelo sujeito em uma situação e não como qualidades intrínsecas das materialidades[4].

Ao analisarmos o conteúdo das fitas K7 da mesma maneira com a qual analisamos as fitas VHS, identificamos que algumas traziam assuntos específicos de ensino de língua, porém, outras não foram identificadas e, devido à má aparência e composição dos materiais, nem chegaram a ser ouvidas. Aqui, o que se vê é a própria procedência do material que não auxiliou de forma positiva na escolha do arquivista. Percebemos também que outros materiais não tinham sido utilizados e estavam até lacrados. Diante da dificuldade em identificar algumas fitas K7, começamos a organizar e analisar os slides.

Os slides são materiais que estão atrelados às fotografias de países e ao ensino e exercícios de línguas. A maior dificuldade foi separá-los, pois grande parte deles estava misturada com slides que continham diversas informações. Para visualizá-los utilizamos uma máquina de projeção, com o intuito de separá-los dentro da respectiva língua e categoria, porém, observamos que muitos slides eram repetidos e outros não continham pares.

Além do material audiovisual, foram catalogados também jogos e materiais relativos às atividades lúdicas. Muitos desses materiais foram produzidos por professores ao longo dos anos, e trazem marcas de estilos e métodos de ensino variados, muitos já em desuso. Por seu valor, entretanto, esses materiais foram reservados para uma próxima etapa do projeto que se denominava Museu de Línguas.

[4] Para Pêcheux (1975), o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, porque está sempre em curso e muda de acordo com o sujeito que enuncia/interpreta a partir de uma dada formação discursiva e não de outra.

3 Amostras de materiais destinados ao museu e catalogados no acervo da CECLE

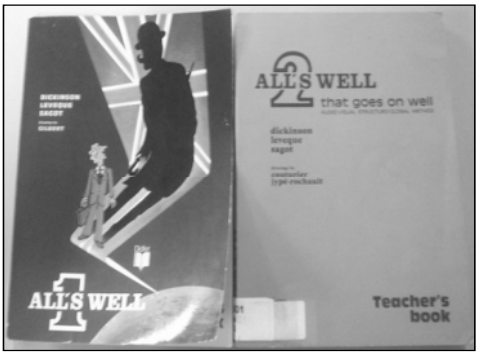

Figura 1 - Livros didáticos do tipo: *All´s Well.*
Fonte: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.



Figura 2 - Slides variados para ensino de alemão.
Fonte: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.



Figura 3 - Long plays para ensino de francês.
Fonte: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

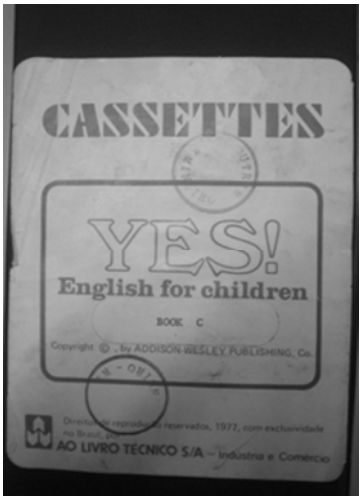

Figura 4 - Coleção de fitas K7, de 1977.
Fonte: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

Ao finalizarmos tal tarefa, organizamos os armários de uma maneira que facilitasse a catalogação e a organização dos materiais. Separamos por tipo de material (VHS, K7, slides, etc.) e a língua em que o material é apresentado (inglês, francês, alemão, espanhol). Com o fim da organização do acervo de mídia, estávamos prontos para começar a descrição dos arquivos, o que foi feito juntamente com a catalogação. Assim, a catalogação seguiu a seguinte ordem:

1ª - língua (inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, etc.)
2ª - tipo de arquivo (audiovisual ou material didático)
3ª - conteúdo (filmes, cursos de língua, músicas, etc.)
4ª - tipo de mídia (VHS, fitas K7, fitas de rolo, LP, impressos, etc.)

Tabela 2 - Ordem para a catalogação.

Dessa maneira, desenvolvemos uma tabela com os números que corresponderiam à categoria e tipo de material de línguas que cadastramos. Segue a lista para a visualização:

Língua			Cursos		020
Inglês	01		Música		030
Francês	02		Memória ILEEL		040
Espanhol	03		Áudio book		050
Italiano	04		Fotos		060
Alemão	05		Cultura		070
Português	06		Outros		080
Outra	07		Periódicos/Revistas		090
Diversos	08				
			Tipo de mídia		
Tipo de arquivo			VHS	001	
Audiovisual		000	K7	002	
Estudo e ensino		100	Fitas de rolo	003	
Jogos		200	Slides	004	
Outros		300	CD	005	
			DVD	007	
Conteúdo			LP	008	
Filmes		010	Outros	009	

Tabelas 3 e 4 - Catalogação Audiovisual.

Portanto, a catalogação e descrição dos arquivos, dentro da biblioteca digital, ficaram da seguinte maneira:

Exemplo: ***2438*** – é o número de entrada de cadastro do material no sistema da biblioteca digital. ***02.024-BL*** é o código que o material ganhou no cadastro. Conforme a tabela de catalogação, ***02*** corresponde à língua, ou seja, o francês. ***024*** é um número que corresponde à junção de tipo de arquivo (audiovisual – 0); conteúdo (cursos – 2); e tipo de mídia (slides – 4). Para acompanhar o código, disponibilizamos a abreviação do nome do material, ou seja, ***BL***, nada mais é que Bonjour Line.

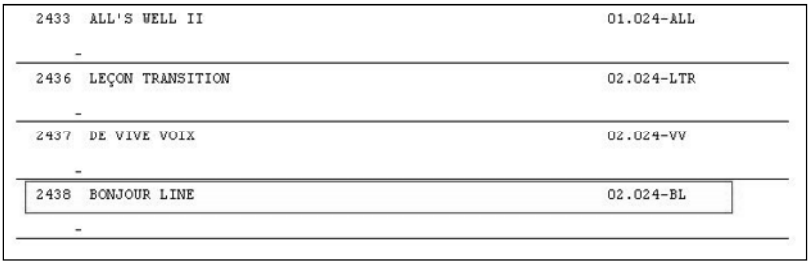

Figura 5 - Sistema de Bibliotecas da CECLE.
Fonte: Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

Após esse processo de arquivamento, organização, seleção e discussão sobre os materiais didáticos da CECLE, percebemos que, no âmbito de todo o processo que envolve acervos históricos, a linguagem possibilita um retorno à memória do documento analisado, além do fato de que o próprio arquivista também é capturado por essa linguagem, o que permite a ele lançar um olhar singular para aquilo que ele "reordena" ideologicamente.

Considerações finais

Como pudemos concluir a partir das leituras teóricas e da própria prática de arquivamento, ao lidar com documentos, como em toda prática discursiva, o sentido de cada item é determinado ideologicamente, e assim, vários sentidos podem ser atribuídos a um mesmo documento, sendo sua integração e localização no acervo, ou

descarte, um efeito do gesto de interpretação do arquivista a partir das condições de produção. Isto é, se no início do projeto surgiram perguntas como: mas como podemos caracterizar o documento, este que irá compor o arquivo, como uma materialidade possível de vários sentidos? Não teria o documento seu sentido próprio? – as leituras e a reflexão sobre as escolhas que foram feitas no processo de organização do acervo possibilitaram compreender como um único documento pode ser determinado por vários discursos, já que, discursivamente, ele não é apenas um conteúdo, conjunto de informações, mas sim, um monumento construído socialmente, disponível para interpretações e sentidos que se inscrevem em diferentes redes de memória.

Olhar o arquivo pela perspectiva da linguagem, mais especificamente do discurso, é afirmar que os arquivos também são efeitos de linguagem, além do fato de que os arquivos não são totalmente imparciais. A experiência de arquivar mostrou como o ensino de línguas estrangeiras sofreu alteração durante os anos e, como, sustentando cada uma das metodologias de ensino, existiam políticas e ideologias que tinham por finalidade "incluir" o falante não nativo em um mundo/cultura diferente da dele.

De maneira geral, consideramos que o trabalho desenvolvido no projeto *Arquivo e memória: acervos da Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras*, com a junção de mobilização teórica – via leitura e contato com diferentes mídias –, e prática de arquivamento, ampliaram a compreensão sobre a extensão universitária e as formas de pensar a pesquisa sobre linguagem em seus entrelaçamentos com as diferentes disciplinas e áreas do saber; áreas essas ideologicamente constituídas.

Referências

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Arquivo, documento e memória na concepção discursiva. *Encontros Bibli,* Florianópolis, n. 24, p. 152-171, set./mar. 2007/2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória*. 5. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 525-539.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e parâmetros. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2005b.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

Recebido em 15/06/2011
Aceito em 27/09/2011